

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190104-DO0419>

**O SUJEITO EM MOVIMENTO: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO, LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA**  
**MOVING SUBJECT: PROCESSES OF IDENTIFICATION, FIRST LANGUAGE AND FOREIGN LANGUAGE**  
**EL SUJETO EN MOVIMIENTO: PROCEDIMIENTOS DE IDENTIFICACIÓN, LENGUA MATERNA Y LENGUA EXTRANJERA**

**Giovani Forgiarini Aiub\***

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul  
Feliz, RS, Brasil**

**Cristina Zanella Rodrigues\*\***

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense  
Pelotas, RS, Brasil**

**RECEBIDO EM: 05/10/18.**

**APROVADO EM: 10/02/19.**

***Resumo:** Com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso pecheuxiana, este trabalho busca teorizar sobre os movimentos subjetivos, no que se refere ao processo de identificação do sujeito, no entremeio das línguas materna e estrangeira. Portanto, trata-se de tomar o sujeito constituído por um duplo processo simultâneo de identificação, sendo um de ordem ideológica e outro pelo viés da inscrição do sujeito em uma língua. Nesta perspectiva, este texto focaliza o segundo processo e mostra como o encontro do sujeito com outros modos de dizer faz com que haja movimentos nas redes de significação. Para tanto, a análise de uma expressão idiomática é realizada com o objetivo de mostrar que a historicidade das línguas materna e estrangeira não é idêntica, o que pode provocar uma reconfiguração subjetiva, quando do processo de inscrição do sujeito em outra materialidade linguística.*

***Palavras-chave:** Identificação. Sujeito. Línguas.*

***Abstract:** Grounded in the theoretical premises of Pêcheux's French branch of Discourse Analysis, this paper aims at theorizing over the subjective movements regarding the subject's process of identification in the midst of their first and foreign languages. The subject is, therefore, assumed as constituted by a double and simultaneous process of identification, one being of an ideological nature and another thought the subject's inscription in a language. From this standpoint, this paper concentrates on the latter process and presents how the subject's encounter with other ways of saying/speaking creates movements within the signification network. For this purpose, this analysis of an idiomatic expression is determined to demonstrate that the historicity of the first and foreign languages is not*

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor no IFRS – Campus Feliz. E-mail: gioaiub@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3870-3794>

\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas e Professora de Língua Inglesa no IFSul – Campus Pelotas. E-mail: tina.zanella@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6636-9471>

*identical, which can trigger a subjective reconfiguration as the subject is inscribed in another linguistic materiality.*

**Keywords:** *Identification. Subject. Languages.*

**Resumen:** *Basado en los supuestos teóricos del Análisis del Discurso de Pêcheux, este trabajo busca teorizar sobre los movimientos subjetivos, en lo que se refiere al proceso de identificación del sujeto, en el entremedio de las lenguas materna y extranjera. Por lo tanto, se trata de tomar el sujeto constituido por un doble proceso simultáneo de identificación, siendo uno de ellos de orden ideológico y otro por el enfoque de la inscripción del sujeto en una lengua. En esta perspectiva, este texto enfoca el segundo proceso y muestra cómo el encuentro del sujeto con otros modos de decir hace con que haya movimientos en las redes de significación. Para ello, el análisis de una expresión idiomática es realizado con el objetivo de mostrar que la historicidad de las lenguas materna y extranjera no es idéntica, lo que puede provocar una reconfiguración subjetiva, cuando del proceso de inscripción del sujeto en otra materialidad lingüística.*

**Palabras clave:** *Identificación. Sujeto. Lenguas.*

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira da garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível que um poste. [...]

(Manoel de Barros in Memórias Inventadas)

## 1 PALAVRAS INICIAIS

Quando nos deparamos com algo que é da ordem do não-vivido, podemos dizer que isso se trata de algo novo. Este novo, por sua vez, pode nos causar surpresas agradáveis, mas também pode provocar algo indesejável. Este algo novo, nunca visto ou nunca experimentado, pode mobilizar sentimentos de estranheza, de espanto, de admiração ou, até mesmo, pode fazer rememorar algo aconchegante, confortável, desfazendo os possíveis estranhamentos iniciais. Este conjunto de experiências que compõe algo do vivido nos constitui enquanto sujeitos inscritos em um contexto sócio-histórico-ideológico. Pode-se dizer ainda que este conjunto de experiências são, excluindo-se uma óptica biológica, nossas condições de existência.

Dentre as diversas e inúmeras formas de dar de encontro com o novo, não há como se ter esta experiência senão pela linguagem. Em um primeiro momento, pode-se pensar na poesia, pois ela nos desacomoda, tira-nos de um lugar supostamente estabilizado, desloca-nos de um mundo logicamente estável<sup>1</sup> e transforma o modo com o qual nos relacionamos com a linguagem e justamente por isso ela nos rearranja. É possível pensar também na arte, desde uma pintura realista, cujo encanto se dá pela semelhança com o mundo ao qual estamos acostumados, passando igualmente por uma intervenção artística contemporânea, na qual a desacomodação ocorre no olhar, na busca por um sentido, muitas vezes, da ordem do *non-sens*.

<sup>1</sup> Este “mundo logicamente estável” nada mais é do que uma ilusão necessária à constituição subjetiva.

Nestas diferentes escolas de manifestações artísticas, há sempre algo de novo ao olhar, um novo que ora nos encanta e nos fascina, ora nos expurga e nos afasta. Cotidianamente, o novo também pode ser um espaço nunca antes visitado, uma viagem a um lugar antes desconhecido, um simples olhar diferenciado para algo que tomávamos sempre como natural(izado). Portanto, no momento em que outras interpretações passam a existir, a linguagem se faz presente. Vale pensar ainda que o enfrentamento (no sentido de se pôr na frente) com o novo também pode ocorrer pelo contato com o estranho, com o estrangeiro, com uma língua estrangeira. E, para não seguir enumerando ainda mais possibilidades deste contato com o novo, interrompemos naquilo que interessa mais pontualmente a este trabalho: o encontro do sujeito com uma língua estrangeira, isto é, o sujeito entre uma língua e outra, o sujeito no entremeio<sup>2</sup> das línguas materna e estrangeira. E é sobre esta relação entre sujeito, língua materna e língua estrangeira que se debruçam os estudos que aqui passamos a expor.

Em outras palavras, nosso objetivo é teorizar sobre os movimentos subjetivos no que se refere ao processo de identificação com a(s) língua(s). Antes de avançarmos na proposta, vale mencionar, sobretudo, que não se pode pensar em um sujeito que não seja constituído pela linguagem, interpelado pela ideologia e imerso em condições sócio-históricas. Com isso, passamos a dizer inclusive que nos inscrevemos na teoria da Análise do Discurso (AD), em especial aquela pensada por Michel Pêcheux, para tratarmos das questões que aqui se apresentam.

## 2 O ENCONTRO COM UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Para refletir sobre o sujeito em seu movimento de encontro com uma língua estrangeira, propomos retomar o trecho do poema de Manoel de Barros, na epígrafe deste trabalho, para pensarmos esta língua estrangeira como a tal namorada que *via errado*, uma namorada que *despratica as normas*, uma namorada que nos põe diante do conflitante. E, justamente por ela ser a namorada, nós a queremos, nós a desejamos, mas ficamos com um olhar, ao mesmo tempo que apaixonado, desconfiado e inquieto<sup>3</sup>. Somos pegos por essa namorada que, aos poucos, coloca-nos seu jeito de ser, seu jeito de se posicionar no mundo, um jeito que, até então, sequer era cogitado (um rio na beira da garça?). Essa língua outra desafia o sujeito, porque nele faz com que coexistam insistência e resistência de ambas as línguas, materna e estrangeira. Dito de outra forma, é no e pelo sujeito que as línguas se chocam, se tocam, se aproximam e se distanciam, colocando ao sujeito (outras) redes de significações. Não há como pensar em língua sem que nela o sujeito esteja envolto, pois, como diz Celada (2002, p. 171), trata-se de “um sujeito da língua que à língua está sujeito”.

<sup>2</sup> A noção de entremeio, inicialmente colocada por Orlandi (2004), é desterritorializada por Celada (2002) para pensar a questão do sujeito entre línguas (português/espanhol). Toma-se de empréstimo tal noção nos moldes em que Celada (2002) e Payer e Celada (2016) colocam. Trata-se de uma relação cujo “sujeito, por estar no entre-línguas, fica à mercê do roçar entre o que é possível numa (língua) e impossível em outra(s)” (CELADA; PAYER, 2016, p. 29). Além disso, as autoras colocam que este “entremeio” também pode ocorrer no interior de uma língua, justamente pelas diferentes materialidades inscritas nas práticas languageiras (CELADA; PAYER, 2016).

<sup>3</sup> Milner (2012, p. 25) afirma que “quando se diz amar uma língua, é propriamente de um determinado amor que se trata”.

Seguindo a reflexão sobre o espaço do novo (ou do outro, da língua outra) no sujeito, cabe trazer Gadet e Pêcheux (2004, p. 63), pois, ao pensarem a irrupção do equívoco no real da língua, estes autores apontam que “a loucura (e a poesia) fazem também um certo uso da língua, são igualmente apreendidas no real”. Em outras palavras, a língua não é um saber no qual as ficções podem ser regradadas. A língua(gem) é simbólica, por isso mesmo ela não simboliza tudo. Contudo, talvez seja pela poesia a maneira mais próxima de se chegar às coisas que não se consegue dizer, mas, é claro, jamais se esgota. E aí é que entra a noção de real da língua: o irrepresentável, o equívoco, uma vez que há sempre espaço para aquilo que não se consegue dizer. A língua tem dessas coisas: não se pode dizer tudo, nunca. E não se pode dizer tudo tampouco na língua que julgamos nossa. Porém, este impossível de dizer, este real da língua, pode ser pensado como um objeto de desejo do sujeito, desejo de completude. Trata-se de um sujeito que, por vezes, procura na língua do outro poder dizer o que não se consegue (e o que não se pode) dizer na língua materna. Deste modo, esta busca desenfreada pela completude do sentido acaba por esbarrar em uma estranheiridade, na perspectiva de que se almeja o novo e o exótico até o ponto em que este novo deixa de ser novo, e até o ponto em que a estranheiridade passa a ser familiar, imbricando-se, assim, com as fundações da língua primeira, aquela dita materna. Sobre esta questão, Revuz (1998, p. 224) diz que

esse estranhamento do dito na outra língua pode tanto ser vivido como uma perda (até mesmo como uma perda de identidade), como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade.

Neste viés, pode-se dizer que o sujeito, já nos primeiros contatos com uma língua estrangeira, inicia um processo de inscrição nesta língua outra. Entretanto, a língua primeira permanece em sua estruturação, pois ela é seu alicerce (embora nem sempre sólido) na busca imaginária por uma completude de sentido, uma busca por um “espaço de liberdade” (REVUZ, 1998, p. 224) mesmo que ilusório. Esta língua outra passaria, então, a ser o lugar de se poder dizer diferentemente, mas jamais o lugar de se poder dizer tudo, pois nenhuma língua o é (embora isto possa (a)parecer ao sujeito sob a forma de um efeito). Sendo assim, na medida em que vai se consolidando na estruturação subjetiva, na medida em que essa língua estrangeira vai se emaranhando no sujeito, ela passa a ter contraditoriamente uma função semelhante a uma língua primeira. Desta forma, é possível dizer que existe uma “tomada de distância” por parte do sujeito, isto é, há a necessidade, inicialmente, de um distanciamento com língua materna, e “essa distância, fonte de ansiedade para uns ou de prazer para outros, marca, igualmente, o encontro com a maneira pela qual a língua estrangeira produz significações” (REVUZ, 1998, p. 222). Do mesmo modo, há inevitavelmente a necessidade de reaproximação com a língua materna por ser necessária essa busca por significações. Assim, o processo de se poder dizer na língua outra é sempre um ir e vir, por isso, muitas vezes, há dizeres que não se encaixam termo a termo, dizeres que produzem outros efeitos de sentido, seja por uma questão de historicidade entre línguas, seja por uma questão de regras discursivas

socialmente possíveis e aceitáveis em determinadas línguas-culturas<sup>4</sup>, seja ainda por uma questão de ordem sistêmica da língua. Para Revuz (apud CASTRO, 1998, p. 256, grifo nosso),

se o encontro com a língua estrangeira provoca efeitos – com os quais o sujeito é o primeiro a surpreender-se – é que ela não é pura reprodução, nem pura descoberta de um alhures, mas jogo complexo de similitudes e afastamentos no qual a relação com a língua materna acha-se precisamente resposta em jogo..

Sendo assim, a relação entre o sujeito e uma língua estrangeira ancora-se num ponto em que a língua materna é, de certa forma, protagonista no processo de estabelecimento de redes de significação, pois se trata de *similitudes e afastamentos* em relação às redes de significação instauradas pelo laço com a língua materna. Em outras palavras, a língua estrangeira não surge ao sujeito como totalmente nova (mas pode dar a ele este efeito), tampouco é apenas um redizer da língua materna (como se fosse apenas uma substituição lexical). A língua estrangeira é o lugar do qual o sujeito diz estabelecendo *outras* redes de significação (semelhantes ou não às da língua materna), transformando *seus* modos de dizer. Assim, parte-se do pressuposto de que existe um *conjunto de modos de dizer do sujeito* que são constituídos a partir da inscrição deste sujeito em uma língua primeira. Por isso, ao se pensar processo de ensino de uma língua estrangeira, não haveria razões para um afastamento da língua materna para que ocorra o aprendizado de uma língua outra<sup>5</sup>.

Deste modo, é a partir das redes de significação marcadas pela língua materna que o sujeito irá dar de encontro com este novo, de tal modo que o estranho não se faz presente apenas no encontro com uma língua estrangeira: a estrangeiridade (este outro) se projeta ao sujeito também pela língua primeira (materna). Portanto, quando o sujeito passa a ter contato com uma língua estrangeira, este processo deixa marcas, nunca é incólume, mas sim híbrido, conflituoso, pois coloca o sujeito em movimentos. Assim, é possível dizer que as línguas (materna e estrangeira) se mesclam na instância subjetiva, na relação com a história, possibilitando ao sujeito outras redes de significação, dando a ele novas possibilidades de laços identitários. Daí ser possível afirmar que o sujeito se movimenta, ou melhor, é posto em movimento.

Trata-se de movimentos nos processos de significação e nos laços identitários. Esses movimentos nos processos de significação ocorrem em virtude de a língua estrangeira ter uma historicidade própria, distinta daquela de uma língua materna. E, junto a isso, os movimentos nos laços identitários acontecem porque o sujeito é realocado por essa outra língua, pois os modos de dizer não são mais os mesmos da língua primeira e as redes de significação acabam também por se modificar. De tal modo, é inevitável que o sujeito sofra um abalo pela língua outra. Ao mesmo tempo que os processos de significação se realocam na instância subjetiva, os laços identitários também se reconfiguram, justamente porque é uma historicidade outra que entra em jogo e é uma outra língua que também passa a fazer parte deste sujeito.

<sup>4</sup> Refere-se à “língua-cultura” nos moldes como Serrani (2005, p. 16) coloca. Isto é, regras discursivas sobre o que é aceitável ou tolerável ou proibido de ser dito em determinados contextos culturais.

<sup>5</sup> Quando se menciona uma língua outra, inclui-se, além de uma língua estrangeira, a língua nacional, pensada nos moldes de Payer (2007).

Nesta perspectiva, entende-se que o sujeito se estabelece no entremeio das línguas que o constituem. Celada (2002, p. 174) nos fala de um “sujeito errante que, justamente, vaga, vacila, erra – sentindo-se incerto e inconstante – pelo entremeio que perpassa, separa e entrelaça essas línguas para ele. Esse entremeio o expõe a deslizos, vacilações e tensões no processo de aprendizagem”<sup>6</sup>.

É importante anotar, sobretudo, que não se pode pensar em um sujeito que não seja constituído pela linguagem. O que se pretende mostrar é que um sujeito, para sê-lo, precisa inevitavelmente estar em constante processo de identificação com uma língua. Trata-se de um sujeito de linguagem. No caso da inscrição do sujeito em língua materna, pode-se dizer que esta língua primeira inaugura as bases estruturais para que este sujeito possa dizer. Portanto, são estas bases estruturais que, em princípio, dão forma e sustentação ao que é dito (e não dito<sup>7</sup>) pelo sujeito. É por esse processo de identificação com uma língua que o sujeito se constitui como tal, estabelecendo, assim, redes de significação. Em conjunto com Payer (2013, p. 188), é possível afirmar que

as identificações do sujeito quanto à língua e suas formas materiais se produzem, portanto, em processos constituídos na historicidade desta relação. A história predispõe assim a relação dos sujeitos com as línguas que se lhe apresentam, enquanto objetos simbólicos, políticos e artísticos.

Deste modo, não há relação entre sujeito e línguas que não seja atravessada por uma série de movimentos identitários. As línguas se colocam ao sujeito como fazendo parte de sua constituição subjetiva. Diríamos, pois, que inicialmente é a língua materna que produz um efeito de língua estruturante, a língua das primeiras redes de significações, é essa a língua marcante do/no sujeito e que produz uma memória do dizer. Contudo, no processo de aprendizagem de uma língua outra, a língua materna não é a única a estabelecer estes processos de significação. A(s) outra(s) língua(s)<sup>8</sup> passam a fazer parte da constituição subjetiva e, com isso, justamente pela relação singular que cada língua tem com a história, outras redes de significação são estabelecidas, ou se pode dizer ainda que os processos de significação são modificados/ampliados. Dito de outro modo, isto acaba por produzir no sujeito um movimento no que se refere ao estabelecimento das redes de significação, pois estes são afetados pelo contato com uma estrangeiridade.

<sup>6</sup> Embora Celada (2002) esteja mobilizando em seu trabalho um sujeito inscrito em uma discursividade brasileira na relação entre o português e o espanhol, é possível trazer tais reflexões para o âmbito das diferentes línguas, tal como a própria autora retoma em outro trabalho (PAYER; CELADA, 2011).

<sup>7</sup> Tal como mostram Gadet e Pêcheux (2004, p. 58), “o não dito é constitutivo do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma do ‘não-tudo’”. Sendo assim, o ‘não-dito’ é algo passível de interpretação. Anos depois, Orlandi (2007, p. 14) reformula tal questão e afirma que “o silêncio é fundante”. Deste modo, estamos lidando aqui com o dito (ou o não-dito, porque ele também significa) como sendo um espaço de significação, isto é, um espaço de constituição de sujeito e de sentido.

<sup>8</sup> Pode-se dizer que entram em jogo a língua nacional (do Estado, gramaticalizada, cf. Payer, 2006) e a língua estrangeira (seja ela qual for). No caso deste trabalho, dá-se ênfase ao encontro do sujeito com uma língua estrangeira.

### 3 A INSCRIÇÃO SUBJETIVA EM UMA LÍNGUA (OUTRA)

Sob os pressupostos teóricos da AD, considera-se que as palavras não produzem sentido por si sós, mas que o processo de significação depende de um estabelecimento de relações a partir de condições de produção que envolvem o sujeito, a história e a língua. Estas três noções, que formam o tripé de sustentação teórica da AD (FERREIRA, 2003), são fundamentais para se compreender o processo de constituição dos sentidos, pois eles nunca são dados a priori, ou seja, o sentido não se faz pelo sujeito isoladamente, tampouco está na língua pura e simplesmente, ou na história como se nela não estivessem igualmente os sujeitos.

Os sentidos, desse modo, se formam sempre a partir da relação entre sujeito, língua e história em determinadas condições de produção do discurso. Quando se toma o pressuposto de que sujeito e sentido se constituem mutuamente (PÊCHEUX, 2009), estamos dizendo que há um sujeito que é submisso à língua para poder dizer, e interpelado pela ideologia. E essa interpelação ideológica acaba por colocar o sujeito em movimentos de identificação, fazendo com que haja direcionamento e deriva dos sentidos. Esses movimentos identitários advêm do processo de identificação do sujeito a uma determinada formação discursiva (FD), sendo que as FDs “representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (PÊCHEUX, 2009, p. 198).

Diante disso, cabe pensar o funcionamento desse processo de identificação (que nunca deixa de ser ideológico) com outra língua, uma língua estrangeira. Se é verdade que o sujeito precisa da linguagem para se constituir como tal, pode-se dizer que há uma estruturação subjetiva marcada numa determinada materialidade linguística, e aqui estamos chamando de língua materna, ou língua primeira. O que se coloca, então, para pensar essa relação do sujeito com mais de uma língua, é justamente o processo de sua inscrição em uma língua estrangeira, ou seja, trata-se de refletir sobre como se desenrola materialmente o processo de identificação com outros modos de dizer que são característicos de uma língua estrangeira, e vale ainda pensar como esta outra materialidade linguística funciona na relação com o sujeito no processo de sua constituição subjetiva, no processo de construção dos sentidos.

Talvez fosse possível colocar aqui que também se trata de outros lugares de dizer. Contudo, a noção de lugar pode levar a pensar sobre a questão do posicionamento, tal como um “lugar discursivo” (GRIGOLETTO, 2007). Desta forma, evita-se falar em um lugar justamente por se acreditar que há aí uma forte relação com as questões ideológicas. Assim, por mais que as formações ideológicas estejam representadas na língua através das FDs, elas não são cambiáveis entre uma materialidade linguística e outra. Não estamos afirmando, porém, que o sujeito fica livre da ideologia. Ao contrário, justamente por a questão da interpelação ideológica ser tão forte não é uma língua estrangeira que será a responsável por esse movimento no posicionamento do sujeito, mas é justamente o trabalho da própria ideologia que o movimenta em seu posicionamento dentro de uma ou mais FDs.

Em suma, cabe mobilizar a questão dos processos de identificação do sujeito com as línguas, na sua relação entre o materno e o estranho especialmente, uma vez que é por (e através) (d)essa relação sujeito/língua(s) que os processos identitários se desenvolvem,

ou seja, trata-se de pensar o sujeito na sua relação com materialidades linguísticas não-identicas<sup>9</sup>. Dito isto, pode-se pressupor que um dos meios pelos quais o sujeito dá de encontro com uma outra materialidade linguística é através do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Portanto, destaca-se que aprender uma outra língua nunca é mero exercício de memorização de léxicos e de aplicação de estruturas sintáticas, pois este processo envolve a necessária inscrição do sujeito nesta outra materialidade, fazendo com que outras redes de significação sejam mobilizadas. Deste modo, para que o sujeito diga em uma língua estrangeira, considerando que este dizer não seja uma reprodução, é preciso que haja uma identificação com essa outra materialidade linguística, com todos os conflitos que esse processo pode trazer. Mencionamos a questão dos conflitos na tensão que se estabelece entre os laços de identificação do sujeito com a primeira língua, a língua estruturante, a língua das experiências mobilizadoras, no contraponto com a língua estrangeira, língua com outra historicidade, outra materialidade linguística que dá ao sujeito a possibilidade de outras filiações sócio-históricas. Daí que se pode dizer que o encontro com uma língua estrangeira causa certa desacomodação (movimento) ao sujeito, dando a ele a possibilidade de encontrar novos modos de dizer. De acordo com Serrani-Infante (1997, p. 80),

no caso específico da inscrição numa segunda língua, até mesmo nos contextos formais de aprendizagem, esse processo diz respeito sempre ao estrangeiro, ao estranhamento. Estranhamento que nos defronta com outros modos de estruturar as significações "do" mundo, que se apresenta "tangivelmente" como múltiplo e construído. Mas o estranhamento fundamental é aquele que acontece, principalmente, em relação a nós mesmos.

Portanto, lidar com esse estranho da outra língua é algo que custa ao sujeito, pois isto acaba por movimentar as redes de significação já instauradas, mas não consolidadas. O movimento causado pelo encontro com essa estrangeiridade, para uns, é o desejo pelo outro, desejo pelo espaço de completude, um alhures, uma busca por dizer diferentemente, é a ilusão da concretização de um desejo de sair das rédeas (im)postas pela língua materna; esse movimento é a própria manifestação do desejo de um lugar de exílio. Para outros, entretanto, esse mesmo movimento causa desconforto, instabilidade, repulsa, e é um sinal para que deste lugar o sujeito fuja, é o lugar de que se precisa escapar. Sendo assim, entre sofrer a inscrição de uma língua estrangeira e o desejo de aprendê-la, apresentam-se ao sujeito desentendimentos, falhas, desconforto, mas também aconchego e acolhimento. Assim, é possível afirmar que, para além das redes de significações, há outros modos de dizer da língua estrangeira que se entrelaçam a um modo de dizer da língua materna. Defendemos que esses distintos modos de dizer das línguas se inscrevem na esfera subjetiva, pois afetam/transformam/reconfiguram a relação do sujeito com as línguas. Neste viés, por mais que se possa tentar estabelecer dois movimentos distintos de inscrição em uma língua estrangeira (um de atração e outro de repulsa), este processo

---

<sup>9</sup> Neste ponto, vale lembrar a questão de língua nacional como uma língua não-materna, a língua do Estado, que, via de regra, apresenta-se ao sujeito como uma materialidade linguística distinta. Segundo Payer (2007, p. 117, grifo nosso), "língua nacional e língua materna funcionam em um batimento, de um modo tal que se torna impossível ao sujeito transitar do estatuto de sua língua materna (familiar) ao de sua língua nacional (da Escola) *sem* ter de mudar de materialidade linguística".



nunca é regular e homogêneo, mas, ao contrário, é complexo, tenso, instável. Este processo de inscrição em outra língua obriga o sujeito a um movimento, a uma reconfiguração de seus laços identitários, justamente por esta outra materialidade linguística não vir isoladamente, possuir uma carga de historicidade distinta, outra memória, com outras redes de significação. Assim, por mais que o sujeito se sinta atraído por esta outra língua, ou por mais que haja o receio deste encontro, este nem sempre será guiado por um ou outro viés, uma vez que estes movimentos imbricam-se, (con)fundem-se, na instância subjetiva.

Nesta perspectiva, para que a aprendizagem de uma língua estrangeira (seja em ambientes formais de aprendizagem ou não) se efetive<sup>10</sup>, é preciso que haja uma identificação do sujeito com esta outra língua. Neste caso, quando se fala de uma identificação, não se pode resumi-la a um simples gostar ou não gostar da outra língua, mas é preciso pensar esta identificação como um processo no qual o sujeito inscreve a sua discursividade, colocando-se na língua e esta, por sua vez, age num processo de captura.

Desta forma, considerando o sujeito de linguagem, pode-se dizer que, quando uma língua outra intervém em sua constituição, juntamente com a língua materna, outras representações entram em cena e se mesclam. Portanto, se o imaginário de que as palavras se ligam às coisas já se rompe na própria língua materna, quando outra materialidade linguística entra em jogo, isso tende a se tornar um pouco mais evidente. Nesta perspectiva, é relevante trazer as palavras de Cavallari (2016), pois “o peso das palavras e expressões da língua materna é diferente do peso adquirido e sentido na língua estrangeira, o que vai provocar um deslocamento das marcas anteriores e confrontar o aprendiz com outro recorte do real” (CAVALLARI, 2016, p. 156-7).

Seguindo nesta perspectiva, pode-se dizer que este deslocamento também é um modo de o sujeito ser posto em movimento, é uma maneira de rearranjar suas redes de significação, pois é justamente quando ele dá de encontro com esses estranhos modos de dizer e, por conseguinte, com outras formas de se submeter à língua para poder dizer, que há necessidade de reconfiguração subjetiva. Dizer em língua estrangeira é sempre dizer de outra forma e, por isso, o processo de identificação com essa outra língua está longe de ser homogêneo e estável.

Dito isto, cabe mobilizar as palavras de Serrani (2003) quando a autora apresenta o que se compreende por identidade e por identificação – noções essas essenciais para se pensar a relação sujeito/línguas materna e estrangeira. Segundo ela,

enquanto a identidade pode ser entendida como representação do ser, a identificação enfatiza a referência ao dizer. Trata-se dos elos sociais, materializados em nexos de linguagem, em que por identificação se relacionam posições subjetivas na produção-compreensão discursiva. Mediante as identificações o sujeito adquire, não sua unidade, mas sua singularidade (SERRANI, 2003, p. 286-7).

---

<sup>10</sup> Vale mencionar que o processo de inscrição de uma língua no sujeito é algo que não se finda.

Assim, ao se entender a identificação como uma referência ao dizer, estamos também afirmando que o processo de aprendizado de uma língua não pode ser tido como totalmente consciente, isto é, sem brechas para falhas, como se o sujeito pudesse apre(e)nder esta outra língua por um gesto consciente. Aprender uma língua estrangeira é um processo que passa pela inscrição do sujeito em outra materialidade linguística, e como esta inscrição nunca é estável, pois mobiliza outros tempos e lugares, há deslizamentos e rupturas. Então, se a questão da identificação possui estreita relação com o dizer, cabe mencionar que uma língua estrangeira põe o sujeito inevitavelmente diante de um conjunto de modos de dizer distintos, que se choca com modos de dizer já inscritos no sujeito, os quais se apresentam por dois vieses simultâneos: 1. a existência de modos de dizer característicos da própria língua materna, aquela que constitui o sujeito em sua base psíquica; 2. o fato de o sujeito, inscrito na língua materna, também poder imprimir a sua singularidade ao dizer. Em outras palavras, estamos afirmando que há modos de dizer da língua que se instalam no sujeito e, a partir disso, ele imprime em seu dizer a sua singularidade. Diante disso é que se pode afirmar que o encontro com modos de dizer distintos faz com que o sujeito possa se questionar sobre o seu modo de dizer, dando, assim, a possibilidade de estabelecer outras redes de significação.

A(s) língua(s) se inscreve(m) no sujeito, justamente porque quando o sujeito imagina estar dominando os (estrangeiros) modos de dizer é justamente aí que se inscreve o processo de identificação. A identidade, por sua vez, sempre em movimento, não finda, não se fecha como tal, pois se concebe “os movimentos identificatórios como provisórios, contingentes, desprovidos de uma base perene e verdadeira e sujeitos aos desajustes entre a identidade prometida e o ‘erro’ de identidade” (GRIGOLETTO, 2006, p. 24). Daí, nesta relação do sujeito com o dizer, é possível afirmar que quando se diz a partir de uma língua estrangeira nunca é o mesmo dizer da língua materna.

Neste viés, o sujeito, ao se inscrever em uma língua estrangeira, passa a estabelecer outras redes de significação. Portanto, como, diante de todo objeto simbólico, o sujeito é conduzido à interpretação (ORLANDI, 2005), o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira igualmente não é da ordem da memorização e da repetibilidade, mas sim da ordem de uma inscrição subjetiva na língua. Para Celada e Payer (2016, p. 29),

a inscrição do sujeito em uma ordem linguística implica no reconhecimento de que, no entremeio, mediante tomadas de posição e gestos que configuram um singular agenciamento de sua enunciação, ele se inclui (ou dá continuidade a sua inclusão) no simbólico, “se dizendo” mediante modos que podem ir na contramão de qualquer projeção de homogeneidade.

Dito isto, é possível afirmar que uma identificação, nos moldes freudianos, é “um processo de transformação efetuado no próprio seio do aparelho psíquico, fora de nosso espaço habitual e imperceptível diretamente por nossos sentidos” (NASIO, 1997, p. 100), e a identificação por um viés lacaniano pode ser pensada como “o nome que serve para designar o nascimento de uma nova instância psíquica, a produção de um novo sujeito” (NASIO, 1997, p. 101), ou seja, Lacan trabalha com um processo em que “não apenas a identificação é inconsciente, não apenas significa engendramento, mas ainda e sobretudo, o sentido do processo é invertido. Em vez de A se transformar em B, é B que produz A”

(NASIO, 1997, p. 101). Em outras palavras, no que tange à identificação com uma língua outra, diríamos que não é o sujeito que passa a dominar a língua, mas é ela que passa a fazer parte de sua instância psíquica, possibilitando que haja, então, processos de significação outros, reconfigurando este sujeito.

Para se pensar a identificação nos termos da teoria da AD, é preciso realizar um movimento que leve o sujeito também para a questão da interpelação ideológica. Pêcheux (2009) nos diz que o sujeito, interpelado ideologicamente, identifica-se com uma FD que o domina e que dá ao sujeito uma unidade imaginária. Em suas palavras, “essa identificação, fundadora da unidade imaginária do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.” (PÊCHEUX, 2009, p. 150).

Ao considerarmos que a identificação é causadora desta unidade imaginária do sujeito, podemos afirmar, em conjunto com De Nardi (2008, p. 63), que “identidade é movimento, é produção marcada pela historicidade; é trabalho de um sujeito descentrado cuja construção implica o encontro de duas dimensões: ideológica e inconsciente”. Assim, a inscrição do sujeito em uma língua estrangeira não apaga os vínculos estabelecidos pela língua materna, tampouco acreditamos que durante o processo de identificação com outra língua o sujeito passa a ser outro (no sentido de que o anterior deixa de existir), mas se trata de um sujeito em processo de reconfiguração (reconfigurado), especialmente porque há outros laços identitários em jogo, outra discursividade que é colocada por esta língua estrangeira. Há aqui uma busca pelo sentido, por fazer sentido (n)aquela estrangeiridade. Esta busca ocorre a partir dos laços identitários já instaurados no sujeito. Então, se a língua estrangeira ainda está em processo inicial de uma inscrição no sujeito, ele irá buscar essa significação a partir dos laços identitários já instituídos. Dito de outro modo,

o sujeito precisa inscrever-se em processos identificatórios nessa língua [estrangeira] e, portanto, acaba por realizar movimentos que coloquem em jogo um outro imaginário, já que a produção de sentidos não ocorre no vazio. Esse imaginário [...] tem uma função de sustentação da identificação para a formação da identidade, e só por um trabalho de desarranjo/rearranjo da forma-sujeito [...] essa identidade pode estar sempre em formação/transformação, possibilitando ao sujeito o encontro com outros lugares de dizer (DE NARDI, 2005, p. 162).

Complementado o que diz De Nardi (2005), ainda é possível mencionar que, para além de outros *lugares* de dizer, é possível pensar nos *modos* de dizer. Enquanto os *lugares* de dizer estariam vinculados a outras redes de significação, em virtude também de uma outra historicidade entrar em contato com o imaginário subjetivo, os *modos* de dizer se vinculam à organização da língua no entrelaçamento com a ordem da língua, principalmente nos moldes em que Orlandi (2004) propõe esta relação ordem/organização<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Para Celada (2013, p. 58), esses termos [ordem e organização] se organizam numa certa sequência e ao redor de uma barra: ordem/organização, leia-se “ordem barra organização”, para aproveitar todos os

Nesta direção, a fim de dar sustentação ao que acabamos de expor, mobilizaremos um fio de análise no que se refere a uma expressão idiomática cujas ocorrências, tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa, são semelhantes, mas diferem em pontos em que há necessidade de um movimento subjetivo.

#### 4 UM FIO DE ANÁLISE

Para dar os primeiros passos analíticos, vamos mobilizar uma expressão idiomática do português brasileiro e que também apresenta ocorrência na língua inglesa a fim de identificar que, mesmo que esta expressão se valha de palavras correlatas e da mesma metáfora, há nuances que podem provocar uma desestabilização nos modos de dizer e, principalmente, na perspectiva do dizer, causando, assim, um movimento no/do sujeito. As expressões que trazemos para análise em língua portuguesa e em língua inglesa, respectivamente, são:

*Dar o braço a torcer.*

*To twist someone's arm*

Iniciamos tentando evidenciar que ambas as expressões dizem respeito à mudança de opinião, pois dar o braço a torcer em português e torcer o braço de alguém em inglês estão no mesmo campo semântico e metafórico. Embora estas expressões pareçam ser idênticas, há uma mudança de perspectiva, o que provoca um movimento no sujeito que diz. Na língua portuguesa, em especial no português brasileiro, *dar o braço a torcer* significa<sup>12</sup> deixar-se convencer de algo com que inicialmente não se estava de acordo, é ceder a algo. Trata-se de uma mudança de postura, pois é o sujeito reticente a uma mudança de posicionamento que se deixa convencer e dá o braço a torcer, ou seja, quando se diz, por exemplo, Pedro deu o seu braço a torcer significa que Pedro aceitou os argumentos de alguém, mudando de ideia.

Mesmo que esta explicação possa parecer simplória, ela se faz necessária quando passamos a observar a expressão em inglês, que, traduzindo ao pé da letra, seria: *torcer o braço de alguém*. Na perspectiva de um falante nativo do português brasileiro, ou melhor, na perspectiva de um sujeito identificado e estruturado pelo português brasileiro como língua materna, dizer que alguém teve seu braço torcido pode levar a um entendimento físico da expressão<sup>13</sup>, justamente porque há um deslocamento na organização da língua. Ao pronunciar uma sentença como esta: *Peter has twisted someone's arm*<sup>14</sup>, pode-se entender que *Peter* convenceu alguém a mudar de ideia (na perspectiva de um sujeito

---

sentidos que o significante destacado [...] suscita; inclusive, o de impedir, que permite pensar o predomínio de “ordem” sobre “organização” na relação de subordinação que, neste caso, deve ser garantida.

<sup>12</sup> Não se trata aqui de estabilizar este sentido, mas sim apontar sua significação a partir de uma regularidade.

<sup>13</sup> Cabe ressaltar aqui que se trata de um exercício hipotético, visto que é impossível retirar as condições de produção do dizer, ou seja, a interpretação do sujeito frente a este tipo de expressão sempre vai depender de um contexto mais amplo tanto linguístico quanto extralinguístico, ou seja, vai depender das condições de produção de uma interlocução.

<sup>14</sup> A tradução seria *Peter torceu o braço de alguém*.

identificado com a língua inglesa) ou é possível (talvez) inferir sobre o sentido físico da frase, pois aqui o que se faz é uma ponderação sem qualquer contexto.

Contudo, cabe uma reflexão com relação à comparação entre as línguas em jogo. Nota-se que no sujeito oracional na frase em português (Pedro deu o braço a torcer) é Pedro quem muda de ideia, é este sujeito que ocupa uma posição central na esfera enunciativa, pois é Pedro (sujeito oracional) quem alterna de uma ideia para outra. Já na frase em inglês (Peter has twisted someone's arm), o sujeito oracional é o responsável por alguém mudar de ideia, é Peter quem convence alguém de algo. Não há aqui somente uma mudança sintática, mas sim uma mudança de perspectiva do sujeito frente ao dizer. Essa alteração sintática provoca um movimento subjetivo, pois o sujeito identificado (ou em processo de identificação) com essas línguas precisa necessariamente reconfigurar seu lugar de dizer para que se inscreva naquela materialidade linguística.

Na esteira disso, percebe-se que os aspectos sintáticos são determinantes na configuração dos modos de dizer e, por consequência, na constituição dos sentidos, ou seja, trata-se de observar a organização das línguas para, na sequência, avançar na perspectiva de sua ordem. Assim, cabe averiguar como os modos de dizer destas línguas entram em funcionamento, pois, embora ambas as formulações estejam na voz ativa, há um efeito de sentido de voz passiva na formulação em língua portuguesa. Em outras palavras, o sujeito oracional (Pedro) é quem “entrega” o braço para este ser torcido, e é isso que produz tal efeito. No que tange a uma possível interpretação desta expressão, é Pedro quem se deixa convencer. Já em língua inglesa, é o sujeito oracional que “torce o braço” de alguém (Peter has twisted someone's arm.). Neste caso, em inglês, o sujeito oracional não é quem “muda de opinião”, mas é, isto sim, o responsável por fazer uma outra pessoa mudar de ideia. Portanto, nota-se que os modos de linearização do dizer nas línguas em jogo afetam a perspectiva do sujeito no ato de sua enunciação. Dito de outra forma, ao se considerar o exemplo em questão, para dizer em língua estrangeira (seja ela o inglês ou o português), é preciso que haja uma realocação da perspectiva do sujeito que diz, pois os modos de dizer das línguas inglesa e portuguesa não são os mesmos. Com isso, pode-se afirmar que a organização da língua afeta a constituição do sentido, ou seja, trata-se também de um efeito sintático e de como esta organização propõe um movimento subjetivo. Dito de outro modo, trata-se de considerar que há aspectos que extrapolam a organização e caminham na direção de se pensar a ordem da língua, pois afetam o sujeito em seu modo de dizer e, conseqüentemente, de significar, criando realocações nas redes de significação deste sujeito em processo de identificação com mais de uma língua. Assim, podemos afirmar que existem traços de distinção no modo como pode e como deve ser dito em uma língua ou em outra.

No exemplo aqui colocado, ocorre que o sujeito no entremeio destas línguas precisa realizar esse movimento no modo de dizer, cuja necessidade surge quando há uma alternância da materialidade linguística. A tradução não é possível, porque é no silêncio que há um ponto marcado no caminho entre as línguas. Portanto, cabe pensar que nunca é simplesmente uma realocação do sujeito oracional, pois há aspectos que extrapolam essa organização e caminham na direção de se pensar a ordem da língua, pois afetam a relação do sujeito com este modo de dizer, constituído historicamente em determinada materialidade linguística. Pode-se dizer que estes aspectos são característicos de modos de dizer de determinada(s) língua(s). Neste viés, cabe trazer as palavras de Orlandi (2004, p. 47) quando ela afirma que

ultrapassando [...] a organização (regra e sistematicidade), podemos chegar à ordem (funcionamento, falha) da língua e da história (equivoco, interpretação), ao mesmo tempo em que não pensamos a unidade em relação à variedade (organização) mas como referida à posição do sujeito (descentramento).

Assim, é possível ainda citar outros exemplos em comparação a um modo de dizer da língua inglesa que não se aplica à língua portuguesa e vice-versa. Em português, é aceitável que se diga “eu cortei o cabelo” para se afirmar que, nesta enunciação, este eu teve seu cabelo cortado por alguém que justamente não é este “eu”, geralmente um profissional da área, como um cabeleireiro. Já em língua inglesa, para dar um efeito de sentido semelhante, é preciso dizer I had my hair cut, ou seja, é preciso dizer sob uma outra perspectiva: eu tive meu cabelo cortado (por outra pessoa). Em língua inglesa, é preciso deixar marcado que a própria pessoa nesta enunciação não é a responsável direta pelo corte de cabelo. Já em língua portuguesa, especialmente no português do Brasil, é perfeitamente compreensível que a pessoa que afirma ter cortado o (seu) cabelo não o fez com as próprias mãos, embora essa possibilidade também não se esgote. Há ainda outros tantos exemplos de diferentes formulações entre a língua portuguesa e a língua inglesa, tais como: Eu nasci em 1980./I was born in 1980; Contaram-me que.../I was told that..., entre outras.

Dito isto, vale mencionar que, nas expressões apresentadas, não se trata apenas de observar as questões da organização da língua, mas de como essa organização afeta o funcionamento das línguas em jogo na sua relação com o sujeito do discurso e não tão somente na relação com o sujeito oracional. Acreditamos que esteja aí mais uma das razões pelas quais há de se trabalhar pelo viés do funcionamento da língua, pela sua ordem, e não somente observando sua organização. Em suma, pode-se afirmar aqui que há aspectos históricos que fazem com que a metáfora do *braço torcido* apareça tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa. Contudo, esta metáfora não se manteve estanque de uma língua para outra, pois, para dar um efeito de sentido equivalente nas línguas em questão, é preciso atentar para a formulação e, na esteira disso, a forma como o sujeito mobiliza a sua postura para poder dizer. Nestes termos, não cabe aqui também identificar a originalidade da expressão, se ela surge primeiro em inglês ou em português. Isso pouco importa. O que há de se levar em consideração é a alternância de uma *postura*<sup>15</sup> do sujeito que diz, do sujeito do discurso, e essa alternância de uma língua para outra é efeito da determinação histórica dos sujeitos, pelas suas respectivas identificações com as línguas e pela relação das línguas com a história (historicidades distintas). Por outro lado, ainda é possível perceber que essa alternância de uma língua para outra na metáfora em análise pode ser pensada pelo viés da repetibilidade, ou seja, tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa, essa expressão idiomática se faz presente não só pela semelhança lexical como também pela semelhança semântica, evocando modos de dizer muito parecidos entre as línguas. Contudo, em virtude justamente de o discurso ser da ordem da repetibilidade, há algo que se quebra e faz com que haja movimentos na perspectiva do sujeito, pois a relação do sujeito com as línguas em jogo não é da ordem do mesmo.

<sup>15</sup> Enquanto que o posicionamento (posição) faz relação com a ideologia, esta postura subjetiva teria relação com o processo de identificação com uma língua.

## 5 UM EFEITO DE FECHAMENTO

Para concluir este trabalho, gostaríamos de afirmar que, quando o sujeito passa a se identificar com uma língua estrangeira, é outra materialidade linguística que passa a fazer parte deste processo de constituição dos sentidos, mas não é esta outra materialidade que produz um diferente posicionamento do sujeito no escopo discursivo. Estamos lidando com dois processos que ocorrem simultaneamente na esfera subjetiva: o processo de identificação com uma língua e o processo de interpelação ideológica que faz com que haja a filiação do sujeito a uma ou mais FDs. Portanto, enquanto que a interpelação ideológica é da ordem da falha<sup>16</sup>, o processo de identificação com uma materialidade linguística é da ordem do equívoco. Daí a importância de olhar para o processo de identificação pelo viés da ideologia e pelo viés da materialidade linguística.

Assim sendo, é fundamental diferenciar estes dois aspectos do processo de identificação subjetiva para se pensar, em especial, na identificação do sujeito com uma língua estrangeira, de tal modo que essa identificação não pode ser pensada como algo que é da ordem do imediato, tampouco como um processo que pode ser concluído. A inscrição do sujeito em uma língua estrangeira (ou materna) é um processo sem fim, pois se refere a algo que nunca é completado. Se assim fosse, estaríamos lidando com o sujeito em sua plenitude, completo de si mesmo. O processo de identificação do sujeito com uma língua estrangeira ocorre pela familiarização aos modos de dizer desta língua. Com isso, outras redes de significação são requeridas, outras filiações socioculturais e históricas entram em cena, provocando uma desestabilização subjetiva, que é necessária para que outros modos de dizer sejam capturados pelo sujeito, ou ainda para que o sujeito seja capturado por eles.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, M. *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planta do Brasil, 2008.
- CASTRO, M. F. P. Língua materna: palavra e silêncio na aquisição da linguagem. In: JUNQUEIRA FILHO, L. C. U. (Org.). *Silêncios e luzes: sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 247-257.
- CAVALLARI, J. S. Emergências subjetivas no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. In: PAYER, M. O.; CELADA, M. T. (Org.). *Subjetivação e processos de identificação: sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino*. Campinas/SP: Pontes, 2016. p. 147-167.
- CAVALLARI, J. S. O lugar da língua materna na constituição identitária do sujeito bilingue. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 43, p. 171-183, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v43n1/a14v43n1.pdf>. Acesso em 15 ago. 2018.
- CELADA, M. T. Linguagem, sujeito. Forçando a barra em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A. M. G.; GRIGOLETTO, M. (Org.). *Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade*. São Paulo: Humanitas, 2013. p. 43-75.
- CELADA, M. T. *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. 2002. 276f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

<sup>16</sup> É possível relacionar a falha no ritual à segunda modalidade de desdobramento da forma-sujeito, ou seja, a contra-identificação com um saber dominante de uma FD com a qual o sujeito se identifica, ou com a qual este sujeito está em processo de desidentificação (cf. PÊCHEUX, 2009).

- CELADA, M. T.; PAYER, M. O. Sobre sujeitos, língua(s), ensino: notas para uma agenda. In: PAYER, M. O.; CELADA, M. T. (Org.). *Subjetivação e processos de identificação*: sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino. Campinas/SP: Pontes, 2016. p. 17-41.
- DE NARDI, F. S. Marcas de identidade. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 61-78, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/545/349>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- DE NARDI, F. S. Identidade, memória e os modos de subjetivação. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso*: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 157-66.
- FERREIRA, M. C. L. O caráter singular da língua no discurso. *Organon*: discurso, língua e memória, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003.
- GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. *Análise do discurso no Brasil*: Mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos/SP: Clara Luz, 2007. p. 123-134.
- GRIGOLETTO, M. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (Org.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos/SP: Claraluz, 2006. p. 15-26.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*: o discurso na história da linguística. Trad. Bethania Mariani e Maria Elisabeth C. de Mello. Campinas/SP: Pontes, 2004.
- MELMAN, C. *Imigrantes*: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Trad. Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.
- MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Trad. Paulo Sérgio de Mendonça Júnior. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2012.
- NASIO, J.-D. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- PAYER, M. O. Processos, modos e mecanismos de identificação entre o sujeito e a(s) língua(s). *Gragoatá*, Niterói, n. 34, p. 183-196, 1. sem. 2013. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/58/14>. Acesso em: 3 set. 2018.
- ORLANDI, E. P. Processos de identificação sujeito/língua: ensino, língua nacional e língua materna. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Política Linguística no Brasil*. Campinas/SP: Pontes, 2007. p. 113-23.
- ORLANDI, E. P. *Memória da língua*: imigração e nacionalidade. São Paulo: Escuta, 2006.
- ORLANDI, E. P.; CELADA, M. T. Relação sujeito/língua(s) – materna, nacional, estrangeira. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2011. p. 67- 93.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Trad. Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-30.
- SERRANI, S. *Discurso e cultura na aula de língua*: currículo, leitura, escrita. Campinas: Pontes, 2005.
- SERRANI, S. Memórias discursivas, línguas e identidades sócio-culturais. *Organon*: discurso, língua e memória, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 283-298, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30028>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 63-81, fev. 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501997000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100004). Acesso em: 3 set. 2018.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.